

A FENOMENOLOGIA QUE SE MOSTRA NA EDUCAÇÃO POPULAR DESENVOLVIDA NO ACERVO DA LAJE: Espaço de Materialidade da Memória e da Trajetória Política da Cidade de Salvador- Ba

Andreane Pereira Moreira ¹
Luciano Costa Santos ²

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é possibilitar a experiência da participação de um projeto que se propõe de cunho popular, na medida em que se dispõe a compartilhar conhecimentos levando em conta os saberes pré-elaborados, a experiência de vida dentro de um território, sem distinção de formação ideológica ou acadêmica, pelo diferencial constituído único no mundo: casa-escola-museu. Casa como espaço de socialização e vivências, escola como dispositivo de ensino-aprendizagem e museu como acervo guardião cultural da história do Subúrbio e de exposições de obras de grandes artistas do subúrbio ferroviário e da Bahia de forma geral.

E essa narrativa também faz com que o nosso olhar sobre o território suburbano seja ampliado, e, mais além, também para toda a cidade do Salvador, mostrando que o fluxo da história está em toda ela, mas que ficou, por motivos históricos, culturais e econômicos, fixou-se no centro, negando a existência dessa mesma história em outros bairros.

A proposta de Educação Popular desenvolvida pelo Acervo da Laje, através de seus fundadores o professor José Eduardo Ferreira Santos e sua esposa Vilma Santos, aparece como uma possibilidade de tirar das malhas da invisibilização um território e um povo, que se constitui como um berço fecundo da vida soteropolitana: o Subúrbio Ferroviário de Salvador na Bahia.

Como um lócus gerador de vida, se faz necessário a compreensão de como esse fenômeno se manifesta, de forma a compreender como esse povo compreende o mundo e entra em processo de libertação a partir de sua experiência no Acervo e a metodologia fenomenológica favorece o exercício desta compreensão.

Para este que se apresenta como uma importante construção metodológica, pretendemos a partir deste ensaio viabilizar a construção da coleta de dados, a elaboração de um roteiro de entrevistas, a composição de grupo focal, elencando os sujeitos da pesquisa, de modo a perceber como se produz novos sentidos a partir da experiência e vivência desenvolvidas no Acervo da Laje.

A TRAJETÓRIA DO ACERVO DA LAJE EM PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

A Fenomenologia atua na atribuição de sentidos dos sujeitos aos objetos de sua experiência; trata-se de uma metodologia essencial neste campo, na medida em que continuamente se volta para os fenômenos em construção, recusando as possíveis fraturas no campo empírico, formando uma correlação originária entre a consciência e o mundo.

¹ Mestranda PpgeduC-UNEB: Universidade do Estado da Bahia - , andreanemoreira@g.mail.com

² Professor Orientador – PpgeduC-UNEB: Universidade do Estado da Bahia. lucostasantos1@gmail.com

Dessa forma, a intencionalidade consiste na visão da consciência, ou seja, no sentido atribuído pela consciência às coisas (objetos), a partir das experiências do sujeito no mundo.

A palavra 'fenomenologia' exprime uma máxima que se pode formular na expressão: 'as coisas em si mesmas' – por oposição as construções soltas, as descobertas acidentais, a admissão de conceitos só aparentemente verificados, por oposição as pseudo questões que se apresentam muitas vezes, como 'problemas', ao longo de muitas gerações (HEIDEGGER, 1989, p. 57).

Estes elementos são próprios e recorrentes nas práticas vivenciadas através das obras de arte expostas no Acervo da Laje, como também nas oficinas realizadas naquele espaço, existe de fato, uma ligação de sentidos que nos levam a compreensão da junção fenomenológica ali manifesta, através da prática de acolhida praticada, e deste familiarizar-se que nos oportuniza correlacionar através dos sentidos. Nas palavras de Zilles:

[...]O aparecimento dessas ocorrências, o seu mostrar-se, está ligado a percepções e distúrbios que em si mesmos não se mostram. Em consequência, manifestação enquanto manifestação de alguma coisa não diz um mostrar-se a si mesmo, mas um anunciar-se de algo que não se mostra. Manifestar-se é um não- mostrar-se[...] Assim quando se diz que com a palavra 'manifestação' indicamos algo em que alguma coisa se manifesta sem que seja em si mesmo uma manifestação, o conceito de fenômeno não é definido, mas pressuposto (HEIDEGGER, 1989, p. 59).

A fenomenologia portanto, se apresenta como um método, que tenta descrever o sentido das coisas tal como esse sentido vem à luz, à consciência, a partir da experiência concreta dos sujeitos.

DESENVOLVIMENTO

Existem histórias e memórias em torno do Subúrbio ferroviário de Salvador, que são dignas de serem contadas. Dado o ineditismo desse trabalho, brota o seguinte questionamento: o porquê de não existir pesquisas sobre a arqueologia do Subúrbio se temos, na literatura desde os primeiros viajantes, a descrição da vida e da dinâmica do território suburbano já ali no século XVI ou mesmo nas cartas dos jesuítas em suas malfadas tentativas de colonização dos índios da região, sendo que personagens como os chefes Mirangaoba e Tubarão, por exemplo, passaram à História por conta desses escritos, ou mesmo a lenda das pegadas impressas nas rochas da praia de São Tomé, mesma lenda existente em Itapuã.

Assim como a existência de tantas batalhas e invasões (Invasões Holandesas (1624 e 1638), Sabinada (1837), Independência da Bahia (1823), a existência de quilombos como o do Urubu. E no século XIX o boom fabril que trouxe pessoas de outros países, particularmente Portugal, Londres, Alemanha e Espanha que vieram habitar esse território, construindo fábricas e também por conta da construção da linha férrea e sua inauguração em 1860, que trouxe desenvolvimento, modernidade e uma pujança econômica que posteriormente foi entrando em decadência, mas cujos resquícios materiais podem ainda ser encontrados conforme vou indicar mais adiante.

É de espantar que as ruínas que existem no Largo do Parque São Bartolomeu, entre as cachoeiras de Oxum e Nanã nunca foram pesquisadas pela arqueologia.

Isso sem falar das tantas histórias que nos contam de pessoas que ao escavarem suas casas e ruas encontraram canhões, balas de canhões, trilhos e bitolas antigas, tudo isso esquecido pelo

tempo, assim como um cruzeiro de madeira que ficava no antigo Outeiro da Plataforma, hoje tomado por um empreendimento imobiliário sem nenhuma relação com o território e sua história.

Diante dessas e tantas outras histórias memoráveis que contam a história de um lugar de histórias, culturas e belezas, mas que é constantemente referido pela mídia como “Não Lugar”, onde as notícias que são veiculadas nos meios de comunicação se referem apenas a pobreza, violência e vulnerabilidades, surge através da iniciativa de um professor morador local como produto final de sua pesquisa de mestrado que relatava as fragilidades e vulnerabilidades da juventude daquele entorno, a oportunidade de com a fruição da beleza ali existente, transformar essas histórias traduzidas por compêndio de horrores.

Assim nasce o Acervo da Laje. Tomado pelo horror de ver a cultura do Subúrbio Ferroviário de Salvador esquecida, contra esse destino o pesquisador e professor José Eduardo Ferreira Santos, começa a garimpar as obras e produções artísticas oriundas do próprio local, sendo esse o início de uma catalogação que fascina a todos os visitantes. Essa pesquisa em forma de catalogação foi realizada conjuntamente com sua esposa Vilma Santos, professora e também fundadora do Acervo da Laje, mulher negra, oriunda e também residente no subúrbio. O nascimento deste local a princípio contava com a Casa1, onde se encontra o princípio da exposição geral e onde encontra-se alocada variadas obras. A casa 2, foi construída no intuito de receber pessoas, realizar oficinas e exposições. Se apresenta como portanto, um espaço de pesquisa sobre as artes visuais e a memórias nas periferias que são comumente relacionadas a espaços negados pela historiografia nacional. É em suma, um trabalho de educação à beleza, de educação à memória em um espaço que se constitui Museu-Casa-Escola. O intuito é manter a chama da emancipação política, através do protagonismo das pessoas, das periferias, dos grupos, enfim, de pessoas que se unem em prol do lugar comum.

O que significa, afinal, “fenomenologia”? Ora, “fenômeno” é aquilo que se mostra. Então, como o sentido da arte, da beleza etc., se mostra na experiência concreta das pessoas da periferia que participam das atividades do Acervo da Laje? Como é que o sentido da libertação se mostra a partir da experiência concreta dessas pessoas? Esse sentido que se mostra à consciência, que aparece, que vem à luz, aponta para a raiz da palavra “fenômeno”, que é justamente aquilo que se mostra, que aparece. Fenomenologia portanto, se apresenta como um método, que tenta descrever o sentido das coisas tal como esse sentido vem à luz, à consciência, a partir da experiência concreta dos sujeitos.

“Não é o sujeito epistemológico que efetua a síntese, é o corpo; quando sai de sua dispersão, se ordena, se dirige por todos os meios para um termo único de seu movimento, e quando, pelo fenômeno da sinergia, uma intenção única se concebe nele” (PONTY, 1994, p. 312).

O Subúrbio Ferroviário de Salvador, desde 2011, abriga um museu, denominado Acervo da Laje, que a partir da experiência provocada pelo seu orientador Gey Espinheira, ao final de seu mestrado, o professor José Eduardo Ferreira Santos, começou a adquirir de variadas formas, obras de arte produzidas por moradores daquela região tão estigmatizada e invisibilizada pelo grande público, conhecida por estes e pela grande mídia como lugar de pobreza, violências e marginalidade, em suma, como um não lugar.

Este projeto envolve a princípio sua família, principalmente na figura de seu pai o Sr. José, um homem humilde, mas que, com sua grande sabedoria foi um dos principais incentivadores para a fundação e manutenção dessa obra de caráter cultural. Além das obras de arte, o acervo coleciona e guarda memórias através de vários outros artefatos como: conchas, vitrilhos, cerâmicas, entre outros, que contam de maneira espetacular a história do subúrbio desde seu apogeu.

E esse papel é realizado de forma conjunta, a comunalidade é sentida nas experiências desenvolvidas pelo Acervo da Laje, os artistas mais experientes compartilham de sua potência àqueles que estão iniciando. E esse é o que há de significativo e belo. Traduzido pela

potencialidade que nasce também, onde há vulnerabilidades. Se apresenta também como movimento político, ou seja, dimensão política da estética, na medida em que, o expandir dessas obras de arte, fazem com que cada dia mais elas se traduzam por de fato, bem comum.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho não estaciona com a abertura das portas do Acervo ao público. Até hoje, somos convocados a juntamente com seus fundadores nas visitas e oficinas próprias para conhecimento daquele território, a garimpamos estes artefatos, e neste encontro o mundo cultural do povo do Subúrbio Ferroviário de Salvador se manifesta em toda a sua pujança, com suas memórias, sofrimentos, insurgências, aspirações etc., nos levando a reler o mundo tal como este se apresenta a partir de sua versão dominante transmitida pelos meios hegemônicos de formação e comunicação.

O traço de educação popular observado no Acervo da Laje, constitui justamente esse ajuntamento traduzido pelo acolhimento e valorização das experiências e saberes de um povo. A característica de um espaço aberto ao público, onde vemos a circulação material de tantos e variados saberes são a mostra da possibilidade artística e de beleza produzida a partir de um povo invisibilizado secularmente pelo poder hegemônico.

Dessa forma, a importância da valorização cultural do povo periférico, mostrando a grandeza, resistência e força desse saber; como também a necessidade deste, vir a ser utilizado como mecanismo de libertação, traduzido nas palavras de Dussel, como uma ética libertária, transformadora, formada por expressões de um povo, que produz arte no mesmo nível de todas as outras artes de maneira que possibilite a formação de cidadãos mais críticos e participativos na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, a Educação Popular apresenta-se na contemporaneidade, como uma metodologia necessária, de modo a mostra-se fenomenologicamente a partir das experiências dos sujeitos envolvidos a partir do espaço do Acervo da Laje, com vistas a atuar prioritariamente como possibilidade de libertação, tendo como característica principal a valorização da cultura local através de seus agentes de produção, de forma a oportunizar a identificação desses sujeitos com determinados espaços geográficos, intensificando, efetivamente, a valorização e disseminação dos saberes produzido em determinados territórios. E essa valorização dos conhecimentos de cada sujeito se apresenta para além de um processo educativo, é este sim um garantidor de vida.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad . Marcia S . Cavalcante . Petropolis : Vozes , 1989 2v.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Ed 70. Rio de Janeiro. R J.

Merleau-Ponty, M. (1994). **Fenomenologia da percepção** (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945).

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZILLES, Urbano. **FENOMENOLOGIA E TEORIA DO CONHECIMENTO EM HUSSERL**. Revista da Abordagem Gestáltica – XIII(2): 216-221, jul-dez, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf>. Acesso em 28/04/2019.